


ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA ESCOLA

Jonas Felipe Gomes de Sousa¹

 <https://lattes.cnpq.br/9332651151912064>

Luigi Dieb Magalhães²

 <https://lattes.cnpq.br/6281019068803480>


Luiz Gabriel Guimarães Lima³

 <https://lattes.cnpq.br/1146092555312927>

Jamerson Zênio da Costa Farias⁴

 <https://lattes.cnpq.br/1624788448699147>

Marcela Vieira Pereira Mafra⁵

 <http://lattes.cnpq.br/6513921362135289>

 <http://orcid.org/0000-0002-6345-0012>

Resumo

Este artigo discute a construção do raciocínio geográfico no ensino de Geografia, explorando os principais conceitos que sustentam essa abordagem, com base nas contribuições de autores contemporâneos da área. Analisa-se como tal raciocínio pode ser desenvolvido por meio da integração entre teoria e prática docente, destacando o papel fundamental do professor na mediação desse processo. A reflexão parte do diálogo com a literatura especializada, considerando os desafios enfrentados desde a formação inicial docente. Apesar dos entraves identificados, argumenta-se que sua superação é possível por meio de uma preparação pedagógica adequada, favorecendo a qualificação profissional do educador e a efetiva consolidação do raciocínio geográfico no contexto escolar.

Palavras-chave: Raciocínio Geográfico; Ensino de Geografia; Práticas docentes em Geografia.

Abstract

This article discusses the development of geographical reasoning in Geography education, exploring the main concepts that underpin this approach, based on contributions from contemporary scholars in the field. It analyzes how such reasoning

¹Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: jfgds.geo23@uea.edu.br

²Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: ldm.geo23@uea.edu.br

³ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: lggl.geo23@uea.edu.br

⁴ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: jzdcf.geo23@uea.edu.br

⁵ Professora adjunta do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: mvieira@uea.edu.br

ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA ESCOLA

can be fostered through the integration of theoretical and pedagogical practices, emphasizing the crucial role of teachers in mediating this process. The reflection is grounded in dialogue with specialized literature and considers the challenges arising from initial teacher education. Although these obstacles are significant, the article argues that they can be overcome through adequate pedagogical preparation, thereby enhancing teacher qualification and enabling the effective construction of geographical reasoning within the school context.

Keywords: Geographical Reasoning; Geography Teaching; Teaching Practice in Geography.

Introdução

A geografia, enquanto ciência, possui especificidades próprias, sobretudo em relação ao seu objeto de estudo: o espaço geográfico. Para que seja possível refletir e compreender os diversos elementos que compõem esse espaço sejam eles materiais ou imateriais, é fundamental que o indivíduo desenvolva o “Raciocínio Geográfico”. Esse raciocínio permite uma leitura crítica da realidade, capacitando o sujeito a interpretar o mundo de forma contextualizada e consciente, a partir de suas múltiplas experiências vividas.

Entretanto, desenvolver esse tipo de raciocínio em sala de aula constitui um desafio e exige do docente uma postura estratégica e metodológica. Essa postura implica o domínio de práticas pedagógicas adequadas, capazes de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais acessível e eficiente. Assim, a construção do raciocínio geográfico torna-se mais prática, dinâmica e assertiva, sobretudo diante das dificuldades enfrentadas cotidianamente pelos professores de Geografia.

Vale ressaltar que a educação, por meio do ensino de Geografia, contribui significativamente para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, tornando o sujeito capaz de exercer uma postura crítica diante da realidade. Isso porque uma das principais funções do ensino de Geografia é justamente formar cidadãos conscientes, críticos e preparados para se relacionar de maneira ativa e responsável com a sociedade.

Nesse sentido, a Geografia escolar precisa ser trabalhada com metodologias eficazes, que possibilitem a transposição didática dos conceitos teóricos para a prática pedagógica. No entanto, é evidente que a prática docente em sala de aula tem se tornado cada vez mais desafiadora, o que acaba comprometendo o processo de construção do raciocínio geográfico, tornando-o, muitas vezes, inviável e pouco produtivo.

Essa dificuldade reflete não apenas a fragilidade da formação inicial dos novos professores de Geografia, frequentemente limitada em aspectos didático-metodológicos, mas também evidencia o desafio de garantir que as categorias de análise da Geografia sejam efetivamente compreendidas pelos estudantes da educação básica.

Por esse viés, torna-se evidente a importância de compreender os fatores essenciais para a construção do raciocínio geográfico. Tal raciocínio é fundamental para a interpretação das categorias geográficas anteriormente mencionadas, identificadas por Quincas et al. (2018) como os conceitos de paisagem, lugar, território e territorialidade.

ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA ESCOLA

O raciocínio geográfico, nesse contexto, contribui para que esses conceitos sejam descritos de forma clara, compreensível e de fácil assimilação pelos estudantes. Dessa forma, este artigo propõe uma reflexão sobre a construção do raciocínio geográfico no contexto escolar, com base no diálogo com autores que se dedicam ao aprofundamento desse tema. Seu objetivo principal é analisar o papel do raciocínio geográfico na formação de sujeitos críticos, evidenciando como o ensino de Geografia pode contribuir para esse processo.

Além disso, busca-se identificar os principais desafios enfrentados na prática docente para o desenvolvimento desse tipo de pensamento, considerando o atual cenário educacional, no qual a Geografia assume um papel essencial na promoção de uma consciência espacial, social e ambiental mais ampla.

Raciocínio Geográfico e a Formação crítica

O termo raciocínio geográfico ganhou centralidade no debate educacional após a homologação da BNCC, que passou a exigir que os estudantes desenvolvam habilidades de análise e interpretação do espaço. Castellar e De Paula (2020) defendem que o pensamento espacial articula processos mentais, representações e relações espaciais, funcionando como base para o raciocínio geográfico.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que foi aprovada no ano de 2017, estabeleceu diretrizes para a formação educacional em todo o território nacional, incluindo a disciplina de Geografia. Ela enaltece o desenvolvimento do raciocínio geográfico desde os anos iniciais do ensino fundamental até os anos finais correspondentes ao ensino médio, promovendo assim um entendimento crítico das dinâmicas espaciais, territoriais e ambientais.

Além disso, a BNCC apresenta competências específicas para o ensino da disciplina de Geografia, visando assim, incentivar os alunos a observar, descrever, analisar e interpretar os diferentes fenômenos geográficos a partir múltiplas escalas, a partir do nível local, regional, nacional e global, com o objetivo de estimular a leitura e produção de mapas, gráficos, e outras linguagens cartográficas.

Dessa forma, a BNCC reforça a capacidade dos estudantes de compreender o espaço geográfico a sua volta, como resultado das relações sociais, econômicas políticas, culturais, históricas e ambientais, colaborando para a formação cidadã, reflexiva e comprometida com a transformação da realidade.

Para elas, o pensamento espacial não deve ser compreendido apenas como uma habilidade isolada. Trata-se, trata-se de um processo mental mais amplo, denominado cognição espacial, termo amplamente utilizado na literatura científica, especialmente nos estudos clássicos da psicologia da aprendizagem e da psicologia cognitiva.

As autoras ainda sugerem cinco campos dos conhecimentos que estão ligados para se desenvolver o raciocínio geográfico, que são: processos

ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA ESCOLA

cognitivos, relações espaciais, representações espaciais, categorias e princípios geográficos e situação geográfica. Esses conceitos, quando combinados, podem permitir análises crítica da realidade que o aluno vive, incentivando os estudantes a questionarem "por que as coisas estão onde estão?".

Esses conceitos envolvem a conexão simultânea entre duas escalas, geográfica e cartográfica, além da consideração das especificidades contextuais. Perguntas como "qual a superfície atingida, em determinado momento, por uma inundação?" são fundamentais para referenciar a escala de ocorrência do evento, sua extensão, os locais afetados e seus limites espaciais.

Ainda nesse trabalho, as autoras enfatizam uma necessidade de se propor práticas pedagógicas investigativas, como por exemplo a aprendizagem baseada em problemas, fortalecendo o ensino de Geografia e promovendo a autonomia dos alunos.

Por último, as autoras defendem que o pensamento espacial, que juntamente ao estatuto epistemológico da Geografia, pode se tornar essencial para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu espaço no mundo geográfico. Casterllar (2019) analisa os desafios contemporâneos da formação docente na área de geografia, aborda a necessidade de integração com o raciocínio geográfico e a teoria do reconhecimento.

Essa autora defende a formação como possibilidade do desenvolvimento da vida intelectual do futuro docente, articulando o conhecimento científico e prática pedagógica crítica, já que para ela a compreensão conceitual do professor manifesta-se na forma como ele entende, explica os conteúdos e representa os objetos e fenômenos da realidade. A maneira como um conceito é desenvolvido ou como uma atividade é conduzida em sala de aula reflete sua concepção sobre o processo de ensino e aprendizagem.

A mudança conceitual envolve a reestruturação de conhecimentos previamente adquiridos, por meio da reconsideração e reelaboração desses saberes em atividades de aprendizagem mediadas entre professor e estudante. Assim, a forma como os conceitos são trabalhados e as estratégias didáticas são articuladas evidencia a concepção pedagógica do docente. Para que essa dinâmica ocorra, é necessário superar tanto os obstáculos epistemológicos quanto os pedagógicos.

No campo geográfico, essa formação intelectual é importante para a superação de obstáculos epistemológicos e construção de práticas docentes reflexivas e críticas, especialmente para ensino da geografia em escolas da rede pública. Ao designar a luta pelo reconhecimento a partir da ausência deste, evidencia-se que a baixa valorização dos professores resulta em um contínuo desrespeito e desqualificação desses profissionais por parte de diversos atores sociais.

Essa desvalorização impacta diretamente a autoestima docente, extrapolando o desempenho individual e atingindo toda a categoria, sobretudo na Educação Básica. Paralelamente, esse desprestígio se reflete em

ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA ESCOLA

remunerações inferiores quando comparadas às de outros profissionais com o mesmo nível de formação. Tal disparidade intensifica o sentimento de injustiça entre os docentes, tornando a luta por reconhecimento não apenas legítima, mas urgente e necessária.

Para a autora, esse reconhecimento, segundo Fraser e Honneth, é um eixo de estruturação da valorização profissional e da constituição da identidade docente do ensino da geografia. Por fim, a autora também enfatiza qual o papel da Geografia 7 enquanto ciência, tornando-se capaz de promover a análise da realidade e a consciência espacial crítica.

Castellar (2019) reforça ainda que o raciocínio geográfico deve ser aprendido e desenvolvido do início da formação inicial, como ferramenta essencial para a atuação pedagógica e emancipadora do professor de Geografia. Castellar, Pereira e De Paula (2022) no estudo “Pensamiento espacial y raciocinio geográfico: Consideraciones teórico-metodológicas a partir de la experiencia brasileña” discutem o pensamento espacial e sua articulação com o raciocínio geográfico no ensino de geografia, mais precisamente na realidade da educação no Brasil.

Esses autores argumentam que o pensamento espacial, entendido como uma junção de cognição, representações e relações espaciais, tem que ser utilizado como conteúdo procedimental e de estruturação do raciocínio geográfico no ensino brasileiro. Nisso, esses três autores comentam que o pensamento espacial envolve um conjunto de ações ordenadas, técnicas e habilidades estruturadas em torno de três elementos fundamentais: as representações espaciais, os processos cognitivos e as relações espaciais.

As representações como mapas, imagens de satélite, fotografias aéreas, entre outras precisam ser analisadas e interpretadas de forma crítica. Para tanto, mobilizam-se processos cognitivos que permitem ao estudante realizar operações intelectuais de diferentes níveis de complexidade, mediadas por atividades de aprendizagem. Ao analisar fenômenos geográficos com base em sua localização, forma, vizinhança, extensão e distribuição, é necessário articular conceitos de relações espaciais, como configuração e conformação do espaço.

Dessa forma, os três elementos do pensamento espacial, concebidos como um amálgama construtivo, podem articular-se a dois outros eixos igualmente relevantes: as situações geográficas e as categorias e princípios da Geografia. Essa integração, sob uma perspectiva teórico-metodológica voltada ao ensino e à aprendizagem, favorece o desenvolvimento de competências espaciais e contribui para a formação crítica e reflexiva dos estudantes.

Os autores ainda enfatizam que a aprendizagem geográfica deve partir da realidade vivida pelos alunos, valorizando suas experiências cotidianas e suas percepções espaciais. Destacam, também, a relevância das representações gráficas como mapas, imagens e outras formas de visualização para tornar visível a complexidade do espaço geográfico.

Por fim, apontam que a construção do raciocínio geográfico exige práticas pedagógicas contextualizadas, intencionais e orientadas para a

promoção do pensamento crítico, permitindo ao estudante compreender e questionar o mundo em que vive.

Práticas pedagógicas e metodologias

As abordagens investigativas, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), promovem a autonomia e o protagonismo dos estudantes, incentivando a formulação de hipóteses, análise crítica e intervenção na realidade. Autores como Vieira e Gusmão (2023) destacam que o raciocínio geográfico emerge do contato do estudante com situações-problema ligadas ao seu cotidiano.

Essa proposta de ensino centra-se na curiosidade do estudante, elemento essencial para que a investigação ocorra e sejam construídas soluções para as problemáticas selecionadas. O percurso investigativo deve ser estruturado em etapas, orientando o aluno a refletir, questionar, buscar informações, levantar hipóteses, comparar e relacionar dados, interpretar a realidade socioespacial, construir novos conhecimentos e, por fim, intervir na situação-problema analisada.

Para as autoras, o raciocínio geográfico deve ser compreendido como a capacidade de analisar a organização espacial dos fenômenos sociais a partir de perguntas e hipóteses fundamentadas. As situações-problema no ensino de Geografia estimulam o raciocínio do aluno para que ele possa compreender conceitos e proposições e conduzir estratégias para analisá-los e associá-los aos dados da realidade.

Tais situações-problema são compreendidas como questões que exigem um método investigativo capaz de auxiliar o estudante a desenvolver competências em suas ações. Nesse processo, é fundamental que o aluno reconheça que, ao raciocinar sobre um problema, promoverá sua própria autonomia para resolver situações do cotidiano.

A partir disso, o diálogo é sobre a formação do pensamento espacial, que por sua vez, está atrelada à articulação entre conceitos geográficos e das vivências cotidianas do estudante na perspectiva do ensino geográfico. As autoras ainda lembram que o ensino por meio da problematização pode permitir que o aluno compreenda a realidade e intervenha nela de forma crítica e consciente. Nesse sentido, concluem que esse modelo de ensino integra a educação geográfica ao cotidiano, promovendo aprendizagens significativas e emancipadoras.

O artigo “Do uso pedagógico dos mapas ao exercício do Raciocínio Geográfico”, de Valéria de Oliveira Roque Ascensão, Roberto Célio Valadão e Patrícia Assis da Silva, discute como o uso de mapas em sala de aula pode (ou não) favorecer o desenvolvimento do raciocínio geográfico (Ascensão; Valadão; Silva, 2018). Os autores analisam registros de estágio supervisionado em escolas públicas para compreender como os professores se apropriam das representações cartográficas em suas práticas pedagógicas.

O mapa mental poderia ter contribuído significativamente para a

ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA ESCOLA

estruturação do raciocínio geográfico a partir das experiências vividas pelos alunos. No entanto, a atividade desenvolvida restringiu-se à descrição e identificação de elementos como a predominância de moradias ou estabelecimentos comerciais ao longo do trajeto representado pelos estudantes.

Operações elementares do pensamento espacial como localização, análise de distâncias, direção e relações topológicas não foram exploradas ou discutidas pelo professor em sala de aula. Dessa forma, o uso do mapa mental, nos dois casos analisados, não favoreceu a compreensão de questões fundamentais da espacialidade dos fenômenos, como: *“Como e por que ali?”*

A análise revela que muitos docentes ainda utilizam os mapas apenas como recursos ilustrativos, e não como ferramentas cognitivas que possibilitem a interpretação da espacialidade. Para superar esse limite, os autores apontam que o desenvolvimento do raciocínio geográfico exige que os professores trabalhem os conceitos da Geografia ancorados em uma ordem de pensamento própria da disciplina.

Observou-se, por exemplo, que o conceito de escala foi abordado pelos docentes do 6º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio de maneira restrita, limitando-se à medição de distâncias entre pontos. Tal abordagem revela uma compreensão superficial do conceito, distanciando-se inclusive da concepção euclidiana de escala. Assim, o trabalho realizado não contribui para o aprofundamento do raciocínio geográfico, reduzindo-se a uma aplicação mecânica, desarticulada das dinâmicas e da organização do espaço geográfico.

Diante disso, os autores defendem que o raciocínio geográfico demanda mais do que a leitura literal de mapas: requer a articulação entre os conceitos fundantes da Geografia e as práticas espaciais. A pesquisa também evidencia que a formação inicial dos professores frequentemente negligencia a complexidade envolvida na leitura, interpretação e produção de representações cartográficas.

Por fim, o artigo propõe que o ensino de Geografia deve superar a abordagem conteudista e promover o desenvolvimento de interpretações espaciais críticas, contextualizadas e comprometidas com a formação de sujeitos capazes de ler, compreender e intervir no mundo em que vivem.

Desafios da prática docente

Garantir que os conceitos geográficos sejam compreendidos pelos alunos é um desafio que envolve desde a formação docente até o engajamento discente. A Geografia, ao abordar temas enraizados na vivência cotidiana dos estudantes, configura-se como potente ferramenta para a mediação de conhecimentos relevantes e significativos. Entretanto, a desmotivação dos estudantes, somada à utilização de metodologias tradicionais e desvinculadas da realidade local, compromete significativamente o desenvolvimento do

ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA ESCOLA

raciocínio geográfico.

Essa habilidade exige mais do que a simples transmissão de conteúdos: requer a compreensão articulada dos conceitos de espaço, região, território, lugar e paisagem, bem como dos princípios geográficos como localização, observação, descrição, analogia e escala, promovendo uma leitura mais ampla, crítica e contextualizada do espaço geográfico.

Tais elementos são fundamentais para a compreensão da organização espacial dos fenômenos. Como destaca Oliveira (2023), a didática assume um papel central na formação do raciocínio geográfico. O trabalho docente deve propor situações de aprendizagem que desafiem os alunos a enfrentar problemas reais, favorecendo a construção de conceitos de forma contextualizada e significativa.

Essa prática possibilita o desenvolvimento do raciocínio geográfico não apenas como uma habilidade técnica, mas como um instrumento crítico de leitura e interpretação da realidade socioespacial.

Segundo Moraes (2018), esse tipo de raciocínio funciona como ferramenta cognitiva que capacita o aluno a interpretar criticamente o mundo e agir conscientemente sobre as relações entre sociedade e natureza. Assim, além do domínio conceitual, cabe ao educador cultivar o pensamento reflexivo nos alunos, favorecendo sua atuação cidadã e geograficamente informada.

Ainda assim, inúmeros obstáculos persistem no cotidiano escolar, especialmente durante a formação inicial dos professores. A dificuldade em construir o raciocínio geográfico em sala de aula é potencializada pela baixa qualidade de algumas práticas pedagógicas e pela ausência de conexão entre os conteúdos trabalhados e as experiências concretas dos estudantes.

Nesse sentido, a crítica de Libâneo (1994 apud Silva & Lima, 2013) permanece atual ao afirmar que a falta de entusiasmo e a condução repetitiva das aulas tornam o ensino enfadonho e desestimulante, afastando os alunos da Geografia.

Para superar essa realidade, é essencial que o professor busque metodologias que despertem a curiosidade intelectual dos estudantes. Durigan e Briski (2011) defendem que o ensino se torna mais significativo quando se conecta com os questionamentos e vivências dos alunos. Quando o conteúdo geográfico dialoga com a realidade, há maior potencial de engajamento e aprendizagem crítica.

Reforçando essa perspectiva, a Geografia oferece amplas possibilidades de tratar temas próximos ao cotidiano, o que a torna estratégica na mediação entre conhecimento acadêmico e experiência vivida. A escola, por sua vez, deve valorizar esse potencial e compreender o ensino como um movimento que resgata o território simbólico dos sujeitos, reconhecendo suas práticas e histórias.

Dessa forma, os desafios para a construção do raciocínio geográfico não podem ser enfrentados apenas com mudanças pontuais. É necessário um reposicionamento pedagógico por parte dos educadores, que precisam assumir uma postura investigativa e reflexiva diante das possibilidades de mediação do

ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA ESCOLA

conhecimento geográfico. Só assim será possível promover aprendizagens emancipatórias e um ensino de Geografia que contribua para a formação crítica e ativa dos estudantes.

Considerações finais

Fica evidente, portanto, que o desenvolvimento do raciocínio geográfico requer mais do que a simples exposição de conteúdos curriculares: demanda práticas pedagógicas ativas, reflexivas e centradas no estudante. A superação dos desafios educacionais pressupõe investimento contínuo na formação docente e em políticas públicas que valorizem o conhecimento e a atuação do professor.

Nesse contexto, o ensino de Geografia pode promover aprendizagens significativas, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, conscientes e socialmente engajados. Embora a formação inicial oferecida pelas instituições de ensino superior apresente, por vezes, lacunas importantes, ela não deve ser encarada como um obstáculo definitivo, mas como um ponto de partida passível de constante aprimoramento. Afinal, o processo formativo do professor é contínuo e permanente.

Assim, independentemente das limitações enfrentadas no início da carreira, é fundamental que o educador busque qualificar continuamente sua prática pedagógica, assegurando um ensino de qualidade e, consequentemente, a efetiva construção do raciocínio geográfico entre os estudantes.

Essa habilidade permite interpretar a realidade de maneira ampla, contextualizada e integrada, sendo desenvolvida ao longo da trajetória formativa docente. Desse modo, o ensino de Geografia possibilita uma compreensão aprofundada de diversos conceitos, superando a mera observação dos elementos espaciais. Contribui, assim, para a formação de indivíduos capazes de se relacionar criticamente com o espaço, reconhecendo-o como lugar de pertencimento, interação e responsabilidade.

Referências

ASCENÇÃO, Valéria de Oliveira Roque; VALADÃO, Roberto Célio; e SILVA, Patrícia Assis da. Do uso pedagógico dos mapas ao exercício do Raciocínio Geográfico. *Boletim Paulista de Geografia*, [s. l.], v. 99, p. 34–51, 2018.

BOTELHO, Lucio Antonio Leite Alvarenga; VALADÃO, Roberto Célio; e ROCCA, Lorena. PROPOSIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DE UM RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO: Finisterra, [s. l.], p. 73-87 Páginas, 5 abr. 2024. 73-87 Páginas. DOI 10.18055/FINIS32582.

BRASIL. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Brasília, DF: Ministério

ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS: A CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA ESCOLA

da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella. RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO E A TEORIA DO RECONHECIMENTO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA. *signos geográficos: Boletim NEPEG de Ensino de Geografia*, [s. l.], v. 1, p. 3–20, 2019. ISSN 2675-1526.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella; e PAULA, Igor R. De. O PAPEL DO PENSAMENTO ESPACIAL NA CONSTRUÇÃO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, [s. l.], v. 10, n. 19, p. 294–322, 2020. ISSN 2236-3904.

CASTELLAR, Sonia M. Vanzella; PEREIRA, Marcelo Garrido; e PAULA, Igor R. De. O pensamento espacial e raciocínio geográfico: Considerações teóricometodológicas a partir da experiência brasileira. *Revista de Geografia Norte Grande*, [s. l.], v. 81, p. 29–456, 2022.

DURIGAN DA LUZ, Rose Mari; BRISKI, Sandro José. Aplicação didática para o ensino da Geografia através da construção e utilização de maquetes. *Revista Geográfica de América Central, Número Especial EGAL*, p. 1–20, jul./dez. 2011

MORAES, Loçandra Borges de. Raciocínio geográfico, cartografia temática e ensino de cidade. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, v. 99, p. 312–331, 2018.

OLIVEIRA, Tais Pires de. O desenvolvimento do raciocínio geográfico no ensino de Geografia. In: *ENCONTRO INTERNACIONAL DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA CIENTÍFICA (EPCC)*, 13., 2023, Maringá. Anais [...]. Maringá: UniCesumar, 2023.

SILVA, Marcos Jonatas Damasceno da; LIMA, Andreia Santos de. O desinteresse dos alunos nas aulas de Geografia. *Congresso Nacional de Educação – CONEDU*, João Pessoa, 2016.

VIEIRA, Tatiane Nunes Loiola; GUSMÃO, Adriana David Ferreira. Ensino por meio de situações-problema e a formação do pensamento espacial e do raciocínio geográfico. *Cenas Educacionais*, v. 6, p. 1-20, 6 jun. 2023.

Recebido em: 14/08/2025

Aprovado em: 10/09/2025

Publicado em: 10/09/2025